



Durante todo o julgamento, o presidente da Caesb, Willian Penido, manteve-se tenso

Penido agora não fala mais sobre o valor real da obra

O presidente da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb), Willian Penido, continua sem explicar a razão que provocou a elevação nos custos da obra de despoluição do Lago Paranoá de 45 para 156 milhões de dólares. Ontem, durante o intervalo da audiência de justificação que decidiu pelo embargo da obra, Penido disse não querer falar mais sobre o assunto.

«Estamos diante de uma conspiração tão baixa e tão primária que presta um desserviço à brilhante atividade jornalística desenvolvida no Brasil», lamentou Penido ao se referir às matérias

publicadas no *Jornal de Brasília*, que demonstram, através de documentos da própria Caesb, entre eles um convênio assinado pela empresa, Banco Nacional da Habitação (BNH), Banco de Brasília (BRB), Secretaria de Serviços Públicos e Governo do Distrito Federal, o custo da obra em US\$ 45 milhões.

Negociações

Um dos argumentos utilizados por Penido, e que segundo ele comprovam a viabilidade do projeto proposto pela Caesb para despoluição do Lago Paranoá, é a aprovação pelo Banco Mundial do

financiamento, que será complementado com dinheiro vindo da Seplan, Caixa Econômica Federal e Governo do Distrito Federal — este repassado pela Seplan em forma de fundo perdido da União.

Para acertar este financiamento do Banco Mundial, Penido passou 15 dias nos Estados Unidos, «mantendo conversações e preparando o terreno para a chegada do Governo que concluiu o negócio», explicou ele. Voltando para o Brasil no início de junho, depois de passar por Nova Iorque, Willian Penido ativou o processo da licitação que elevou os custos da obra para 156 milhões de dólares.